

# *O discurso protestante sobre a germanidade no Brasil* *Observações baseadas no periódico Der deutsche* *Ansiedler 1864-1908*

Frederik Schulze\*

**Resumo:** Este artigo analisa o discurso protestante alemão sobre a imigração alemã no Brasil com base no periódico *Der deutsche Ansiedler*. O consenso central deste discurso é a preservação da germanidade e do protestantismo no Brasil, incluindo uma auto-imagem positiva e uma imagem negativa do outro. O discurso constrói várias ameaças a este consenso.

**Palavras-chave:** *germanidade, imigração alemã, discurso*

**Abstract:** The german protestant discourse on german immigration to Brazil is analyzed on the basis of the journal *Der deutsche Ansiedler*. The central consensus is the preservation of germanness and protestantism among the immigrants, which includes a positive self-image and the disparagement of the other. The discourse constructs various dangers that threaten the german protestant identity.

**Keywords:** *germanness, german immigration, discourse*

O presente artigo se debruça sobre um assunto que tem como base o nacionalismo alemão do século XIX e a vontade de expansão dos ideais religiosos e imperialistas do Império Alemão. Trata também do “outro” que é construído por oposição ao “eu” coletivo.

Depois da fundação do Império, em 1871, e principalmente depois da demissão do chanceler Bismarck, em 1890, o Império Alemão esforçou-se por alargar o seu poder no mundo e descobriu a germanidade como fator político, baseada na idéia de uma comunidade étnica constituída por ascendência, língua e costumes. Mas já antes, desde meados do século XIX, várias associações privadas representaram esta linha de pensamento. Além das sociedades para a promoção da emigração e para a preservação da germanidade no estrangeiro, fundaram-se, no início do referido século, sociedades protestantes que se dedicaram à catequização de “pagãos”. Junto com elas foram fundadas sociedades com o intuito de apoiar a preservação do protestantismo e da germanidade entre emigrantes alemães.

Em relação ao Brasil, em 1865 foi fundado por Friedrich Fabri (1824-1891) o “Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil” (“Comité für die protestantischen Deutschen in Südbrasilien”). Esta sociedade enviou pastores e professores alemães, dinheiro e livros, sobretudo para o Rio Grande do Sul. Em 1881, aquela entidade deu lugar à “Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América” (SEAPA [“Evangelische Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika”]).<sup>1</sup> A Igreja oficial, neste caso o “Conselho Superior Eclesiástico de Berlim” da Igreja Territorial da Prússia (CSEB), dedicou-se ao apoio dos emigrantes alemães, especialmente a partir de 1900. Em 1907, o primeiro delegado do CSEB, Martin Braunschweig (1869-1930), viajou para o Brasil com o objetivo de avaliar a situação dos colonos e de preparar terreno para o trabalho eclesiástico. A viagem de Braunschweig representa um momento de transição entre o trabalho das sociedades privadas e da Igreja oficial. Os imigrantes alemães no Brasil tornaram-se importantes para o governo alemão, não apenas por razões econômicas – o sul do Brasil deveria constituir um mercado para produtos alemães – mas também por razões de influência política e de consolidação da reputação alemã num mundo em que, por toda a parte, se verificavam tendências imperialistas e colonialistas. Sociedades nacionalistas radicais pensaram até numa expansão territorial alemã no Brasil, um fato que não foi mencionado pela Igreja. O chanceler Bülow afirmou, em 1903, em frente do *Reichstag*, que a Alemanha não tinha em vista uma expansão, apenas uma influência informal: “Não queremos formar um estado dentro dum estado, nem no Brasil. [...] Mas é certo que estamos

\* Professor Assistente, Instituto Friedrich Meinecke (História), Universidade Livre de Berlim, Departamento de História da América Latina. Email: [frederik.schulze@fu-berlin.de](mailto:frederik.schulze@fu-berlin.de)

<sup>1</sup> A história desta sociedade descreve WACHHOLZ, Wilhelm. “Atravessem e ajudem-nos”. A atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo, Sinodal. 2003.

*satisfeitos, se os alemães no Brasil – e por toda a parte – não esquecerem a sua língua materna e não perderem a dedicação à velha pátria.*<sup>2</sup>

Neste artigo pretendo analisar o *discurso* que acompanhou e justificou o trabalho da Igreja Protestante alemã no Rio Grande do Sul de 1864 até 1908. Segundo Michel Foucault, um discurso é um sistema de linguagem e de pensamento institucionalizado que se orienta por regularidades e que determina as possibilidades de expressão. Ou seja, este sistema estabelece regras e decide o que um autor pode e não pode dizer. O autor desaparece como sujeito individual. Discursos não reproduzem necessariamente realidades objetivas, mas produzem muitas vezes, eles próprios, realidades. O que tenciono demonstrar é como este discurso é organizado argumentativamente e descobrir as regras, assuntos, palavras, polaridades, estereótipos e estratégias com os quais ele funciona. Para tal, procedo à análise do trabalho da Igreja Protestante alemã como prática discursiva com base na revista *Mitteilungen des Comité für die protestantischen Deutschen in Südbrasilien* (“Notícias do Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil”, Barmen, 1865-1877, [MCpDS]) e no órgão oficial da SEAPA, *Der Deutsche Ansiedler* (“O colono alemão”, Barmen, 1882-1941, [DA]).<sup>3</sup> Destas publicações constam relatórios de pastores e relatos de viagem, artigos programáticos, relatórios anuais da SEAPA e do Sínodo Rio-Grandense, o primeiro sínodo protestante alemão no Brasil, fundado em 1886 e constituído principalmente por pastores enviados pela SEAPA. É importante sublinhar que a hegemonia no discurso é mantida através dos periódicos, dado que um discurso é, segundo Foucault, *“aquilo por que e com que nós lutamos; ele é o poder, do qual nós nos queremos apoderar”*<sup>4</sup>.

A SEAPA teve por muito tempo o acesso exclusivo às informações sobre o trabalho dos pastores alemães no Rio Grande do Sul, porque foi ela que enviou estes mesmos pastores e que recebeu os seus relatórios. Como tal, no final do século XIX, ela detinha quase um monopólio discursivo sobre a imigração no Rio Grande do Sul no mercado alemão. Por seu lado, os imigrantes alemães, embora tenham sido o assunto central do discurso, foram na maioria excluídos deste mesmo discurso. A última parte deste artigo dedica-se à comparação do discurso da SEAPA com o relato de viagem de 1908 do já mencionado Martin Braunschweig, o primeiro grande relato da Igreja Territorial da Prússia sobre o Brasil.<sup>5</sup>

O discurso em questão contém uma polaridade essencial: confronta um pólo positivo, a identidade própria, e um pólo oposto negativo, constituído por várias ameaças. A conclusão dessa polaridade é que a identidade própria tem que ser protegida contra as ameaças externas. Trata-se de um consenso fundamental e sacrossanto do discurso, isto é a preservação da germanidade e do protestantismo entre pessoas de origem alemã no Brasil. Este objetivo principal do trabalho protestante alemão no estrangeiro, a *“preservação da germanidade entre os imigrantes”*<sup>6</sup>, é mencionado ininterruptamente. Para explicar porque é que justamente a Igreja Protestante se deve dedicar à preservação da etnicidade, a germanidade e o protestantismo são ligados numa unidade inseparável. Nenhum poderia existir sem o outro: *“Aqui, germanidade e Evangelho ficarão juntos e juntos cairão em tempo indeterminável. O que não for mantido alemão, estará também perdido para a Igreja Evangélica.”*<sup>7</sup> A germanidade torna-se então uma *“germanidade evangélica”*<sup>8</sup> ou uma *“germanidade protestante”*<sup>9</sup>. Era importante, segundo o discurso, que os imigrantes *“ficassem ambos, alemães e protestantes”*<sup>10</sup>. A preservação da germanidade no estrangeiro é vista como tarefa e mérito da Igreja e da escola, esta, se possível, como escola comunitária evangélica com ensino religioso e de alemão. O discurso nunca fala de um trabalho somente religioso, nunca pensa o protestantismo sem a identidade alemã. A unidade do protestantismo e da germanidade, junto com a necessidade de preservar ambos, é o princípio de toda a atividade da Igreja Protestante alemã no Rio Grande do Sul no período investigado. O trabalho junto aos alemães no estrangeiro era uma obrigação da Igreja. Eles eram vistos como membros do mesmo clã. O paradigma da descendência é ampliado sintagmaticamente pelas palavras *“irmãos do mesmo clã”*<sup>11</sup>, da mesma *“carne”*<sup>12</sup>, do mesmo *“sangue”*<sup>13</sup> e *“filhos”*<sup>14</sup>. Uma referência religiosa é introduzida

<sup>2</sup> *“Wir wollen auch in Brasilien keinen Staat im Staate bilden. [...] Richtig aber ist es, daß es unsern Wünschen entspricht, wenn die Deutschen in Brasilien, wie überall, ihre Muttersprache nicht vergessen und die Anhänglichkeit an die alte Heimat nicht verlieren.”* DA 41,11 (1903). p. 88. Esta e demais citações foram traduzidas livremente pelo autor.

<sup>3</sup> Dado o limitado número de páginas apresento apenas uma seleção das fontes consultadas. Para uma bibliografia mais completa, vide SCHULZE, Frederik. *Protestantismus und Deutschtum in Rio Grande do Sul (Brasilien) am Beispiel des Inspektionsberichts von Martin Braunschweig (1864 – 1908)*. Berlim. 2006.

<sup>4</sup> *“dasjenige worum und womit man kämpft; er ist die Macht, deren man sich zu bemächtigen sucht”*, FOUCAULT, Michel. *Die Ordnung des Diskurses. Inauguralvorlesung am Collège de France, 2. Dezember 1970*. Frankfurt no Meno – Berlim – Viena, Ullstein. 1977. p. 8.

<sup>5</sup> O relatório do Martin Braunschweig encontra-se no Arquivo Central Evangélico de Berlim sob a cota 5/2173: *Evangelischer Ober-Kirchenrat. Acta betreffend: den Bericht des Pastors Braunschweig in Leipzig über seine Reise durch die deutschen evangelischen Gemeinden in Brasilien im Jahre 1907*. Leipzig. 1908.

<sup>6</sup> *“Erhaltung des Deutschtums unter den Auswanderern”*, DA 36,8 (1898). p. 61.

<sup>7</sup> *“Deutschtum und Evangelium stehen und fallen hier für absehbare Zeiten mit einander. Was nicht deutsch erhalten wird, ist auch für die evangelische Kirche verloren.”* DA 34,6 (1896). p. 45.

<sup>8</sup> *“evangelisches Deutschtum”*, DA 41,9 (1903). p. 71.

<sup>9</sup> *“protestantisches Deutschtum”*, DA 32,8 (1894). p. 61.

<sup>10</sup> *“daß sie beides, deutsch und protestantisch bleiben”*, MCpDS 2 (1866). p. 14.

<sup>11</sup> *“Stammesbrüder”*, DA 32,7 (1894). p. 52.

<sup>12</sup> *“Fleisch”*, DA 20,2 (1882). p. 9.

<sup>13</sup> *“Blut”*, DA 32,7 (1894). p. 52.

<sup>14</sup> *“Kinder”*, DA 25,8 (1887). p. 59.

pela palavra “*correligionários*”<sup>15</sup>. “*Compatriotas*”<sup>16</sup> traz uma dimensão nacional. Neste sentido, a Alemanha era a pátria ou a “mãe-pátria” e a Igreja Protestante a “mãe-igreja”. As palavras deste campo lingüístico expressam a idéia de que os alemães no estrangeiro eram membros de uma mesma comunidade étnica e tinham por isso o direito à assistência eclesiástica. Se os “*Kaffern*” (um nome pejorativo para pessoas da África do Sul) foram catequizados, os “*irmãos de carne*”<sup>17</sup> também tinham que ser acompanhados. Este exemplo ilustra a mistura entre a pertença religiosa e a pertença étnica, tratando-se não só de uma comunidade de cultura e língua, mas também de uma comunidade de consangüinidade, o que lembra o discurso “*völkisch*”.<sup>18</sup> A afirmação do historiador Hans-Jürgen Prien de que a política eclesiástica em relação à preservação da germanidade tinha que se sujeitar desde 1900 à política do governo alemão não pode ser confirmada, porque a preservação da germanidade já fez parte irrenunciável do discurso protestante desde 1865.<sup>19</sup>

Em conseqüência disto, a germanidade é vista positivamente pelo discurso. Este apresenta um catálogo de “virtudes alemãs” para dar substância à germanidade, da qual as principais características são: “*diligência*”<sup>20</sup>, “*ordem*”<sup>21</sup>, “*verdade*”<sup>22</sup>, “*moralidade*”<sup>23</sup>, “*economia*”<sup>24</sup>, “ *piedade*”<sup>25</sup> e “*fidelidade*”<sup>26</sup>. Este campo lingüístico positivo reúne as ditas virtudes alemãs num eixo semântico e exprime a visão de si próprio alemã. A palavra “*moralidade*” resume um conceito de vida que se baseia no sistema protestante de valores. “*Moralidade*” ordena comportamentos sociais, morais e sexuais.

Além da referida polaridade, o discurso apresenta o sul do Brasil como o espaço vital ideal para alemães. Um clima saudável e suave, terras férteis, uma riqueza de produtos e uma paisagem quase alemã faziam do sul do Brasil um “*país do futuro*”<sup>27</sup> para Alemanha. A emigração alemã tinha que ser apoiada e desviada dos Estados Unidos para o Brasil, uma vez que a preservação da germanidade no Brasil era possível como em nenhuma outra parte do mundo. A afirmação da emigração e o seu desvio para o Brasil é a tese principal de Friedrich Fabri, exposta na sua monografia “*Bedarf Deutschland der Colonien?*” (“A Alemanha precisa de colônias?”).<sup>28</sup>

O discurso veicula uma imagem dos alemães no sul do Brasil como aqueles colonos que desbravaram a selva com muito esforço<sup>29</sup> e ali criaram um paraíso alemão<sup>30</sup> – o discurso fala de pioneiros.<sup>31</sup> A imagem do Rio Grande do Sul como uma “*Alemanha melhor*”<sup>32</sup> tem a sua origem em afirmações do alemão Robert Avé-Lallement (1859) que escreveu um relato de viagem algo exagerado sobre o caráter alemão do sul brasileiro. A isto se junta o pensamento, defendido por Friedrich Fabri nos limites do discurso colonialista, segundo o qual a Alemanha era, como civilização bem desenvolvida, a “*representante de uma missão cultural*”.<sup>33</sup> Nesta perspectiva o sul do Brasil se desenvolveu por causa dos imigrantes alemães. Mas a germanidade não devia se transformar: “*Nossos irmãos no estrangeiro não devem se transformar em estrume popular, mas em sal popular.*”<sup>34</sup>

No discurso em questão encontramos a forma discursiva do “próprio” e do “outro”<sup>35</sup>, através da qual o próprio se torna bom por meio do outro mau. Se o discurso falar do outro, ou seja, do não-alemão e do não-protestante, surgem “*contra-imagens antropológicas: a construção da ‘diferença’ inferior*”.<sup>36</sup> O discurso nega ao catolicismo uma ligação íntima à germanidade e o caracteriza com palavras como “*superstição*”<sup>37</sup>, “*fanatismo*”<sup>38</sup> e “*degeneração*”<sup>39</sup>. A paradigmática desvalorizante é a expressão de uma estratégia difamatória e fanatizante que é usada pelo discurso contra o seu adversário religioso. Esta estratégia tem que ser vista no contexto do conflito interconfessional no Império Alemão.

A imagem do outro em relação ao alemão é, em primeiro lugar, o dito “lusobrasileiro”. Este estaria sob a má influência da Igreja Católica: “*Considerando tal degeneração da Igreja, a gente não deve se admirar se a mais crassa superstição dominar o povo.*”<sup>40</sup> O discurso polariza de novo e apresenta o brasileiro através de um campo lingüístico que funciona como um antônimo às supostas virtudes alemãs. Os seguintes paradigmas são atribuídos ao brasileiro: “*pregui-*

<sup>15</sup> “*Glaubensgenossen*”, DA 39,12 (1901). p. 90.

<sup>16</sup> “*Landsleute*”, DA 26,2 (1888). p. 10.

<sup>17</sup> DA 21,1 (1883). p. 1.

<sup>18</sup> A palavra “*völkisch*” especificava, por volta de 1900, sociedades e partidos alemães de orientação nacionalista, racista, antisemítica e neo-pagã-religiosa.

<sup>19</sup> PRIEN, Hans-Jürgen. *Evangelische Kirchwerdung in Brasilien. Von den deutsch-evangelischen Einwanderergemeinden zur Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien*. Gütersloh, Gerd Mohn. 1989. p. 385.

<sup>20</sup> “*Arbeitsamkeit*”, DA 26,8 (1888). p. 60.

<sup>21</sup> “*Ordnung*”, DA 32,8 (1894). p. 60.

<sup>22</sup> “*Wahrhaftigkeit*”, DA 32,8 (1894). p. 60.

<sup>23</sup> “*Sittlichkeit*”, DA 21,11 (1883). p. 87.

<sup>24</sup> “*Sparsamkeit*”, DA 37,3 (1899). p. 24.

<sup>25</sup> “*Gottesfurcht*”, DA 21,6 (1883). p. 42.

<sup>26</sup> “*Treue*”, DA 21,11 (1883). p. 87.

<sup>27</sup> “*Land der Zukunft*”, DA 29,4 (1891). p. 28.

<sup>28</sup> FABRI, Friedrich. *Bedarf Deutschland der Colonien? Eine politisch-ökonomische Betrachtung*. Lewiston – Queenston – Lampeter, The Edwin Mellen Press. [1884] 1998.

<sup>29</sup> DA 34,10 (1896). p. 79.

<sup>30</sup> DA 23,9 (1885). p. 66.

<sup>31</sup> DA 24,5 (1886). p. 37.

<sup>32</sup> “*verbessertes Deutschland*”, AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858. Erster und zweiter Theil*. Leipzig, Brockhaus. 1859. p. 470.

<sup>33</sup> “*Träger einer Cultur-Mission*”, FABRI, op. cit., p. 178.

<sup>34</sup> “*Nicht Volksdünger, nein Volkssalz sollen unsere Brüder im Auslande werden.*” DA 33,9 (1895). p. 65.

<sup>35</sup> BUSSE, Dietrich. *Das Eigene und das Fremde. Annotationen zu Funktion und Wirkung einer diskurssemantischen Grundfigur*. In: JUNG, Matthias et al. *Die Sprache des Migrationsdiskurses. Das Reden über “Ausländer” in Medien, Politik und Alltag*. Opladen, Westdeutscher Verlag. p. 19-23.

<sup>36</sup> “*anthropologische Gegenbilder: die Konstruktion von inferiorer Andersartigkeit*”, OSTERHAMMEL, Jürgen. *Kolonialismus. Geschichte – Formen – Folgen*. Munique, Beck. 2003. p. 113.

<sup>37</sup> “*Aberglaube*”, DA 36,5 (1898). p. 38.

<sup>38</sup> “*Fanatismus*”, MCpDS 7 (1878). p. 45.

<sup>39</sup> “*Verfallszustand*”, DA 27,2 (1889). p. 11.

<sup>40</sup> “*Bei solchem Verfall der Kirche darf man sich nicht wundern, wenn unter dem Volk der krasseste Aberglaube herrscht.*” DA 25,11 (1887). p. 85.

ça<sup>41</sup> (alemão: trabalho), “falta de limpeza”<sup>42</sup> (alemão: ordem), “falsidade”<sup>43</sup> (alemão: verdade), “imoralidade”<sup>44</sup> (alemão: moralidade), “degeneração” racial<sup>45</sup> (alemão: boa raça) e “indiferentismo religioso”<sup>46</sup> (alemão: piedade). A antinomia entre os brasileiros e os alemães é construída conscientemente: “Nota-se à primeira vista pelo aspecto das casas, se são habitadas por brasileiros ou alemães. Enquanto as primeiras parecem sujas e em ruínas, as últimas distinguem-se pela beleza e limpeza.”<sup>47</sup> Mesmo assim acham-se características brasileiras positivas como bondade, hospitalidade e patriotismo.

O afro-brasileiro é raras vezes mencionado e não tem um papel importante no presente discurso. Isto porque os imigrantes alemães muitas vezes habitavam no campo e quase não entraram em contato com afro-brasileiros. Quando são mencionados, por um lado se condena a escravidão<sup>48</sup>, por outro, o afro-brasileiro é caracterizado com os mesmos atributos negativos do luso-brasileiro. Segundo o discurso, o afro-brasileiro não é um concidadão aceitável para os alemães.<sup>49</sup> Os povos indígenas do Rio Grande do Sul foram importantes no cotidiano dos imigrantes que colonizaram uma zona de fronteira (“frontier”) entre áreas sob a influência do Estado Brasileiro e áreas habitadas por indígenas. A vinda dos colonos provocou lutas e conflitos com os indígenas. Estes são representados nos textos como “bugres” ou “índios ferozes”<sup>50</sup>. A palavra “bugre” tem um sentido pejorativo e “não é o nome de uma tribo, mas sim a designação de um estado de ferocidade”.<sup>51</sup> O termo “índio manso”<sup>52</sup>, usado para indígenas integrados na sociedade brasileira, deixa até entrever uma comparação com animais.

Características pejorativas e antinômicas às alemãs são importantes nas imagens do catolicismo e do luso-brasileiro. Afro-brasileiros e indígenas não são aceitos como seres humanos com direitos iguais. Todas as imagens do outro manifestam um sentimento de superioridade cultural, religiosa, moral e em parte até racial, o qual estabelecia a missão cultural dos alemães no mundo.

Tendo analisado o pólo positivo e suas imagens do outro, procura-se investigar agora a matriz discursiva que forma o pólo negativo da preservação da germanidade. Esta “matriz de perigos” é uma rede de várias ramificações discursivas e apresenta de maneira exagerada uma série de constelações que ameaçavam a identidade alemã e o trabalho da Igreja Protestante. Encontram-se expressões como “há especialmente três inimigos a nomear, que [roubam] a nacionalidade e a fé do colono alemão”<sup>53</sup> ou “...esses são os perigos e dificuldades que ameaçam vigorosamente a germanidade evangélica no sul do Brasil”.<sup>54</sup> É afirmado que todos os perigos apresentados provocam a degeneração dos imigrantes alemães, seja no sentido moral, religioso, lingüístico, cultural ou racial. O objetivo da “matriz de perigos” é caracterizar o trabalho eclesiástico como importante e mobilizar apoio na Alemanha. Em conformidade com isto, os supostos perigos multiplicam-se no decorrer do discurso, embora o trabalho eclesiástico fosse aumentando cada vez mais de intensidade.

Surpreendentemente, o discurso localiza uma grande parte das ameaças nos próprios colonos. Isto é um resultado do encontro da realidade discursiva – a imagem boa da germanidade – com a realidade no Brasil. As expectativas dos pastores enviados não se concretizaram *in loco*. Inicialmente os imigrantes não podiam contar com o apoio eclesiástico e recusavam na sua maior parte os pastores que vinham com quarenta anos de atraso da Alemanha. Os colonos tinham uma vida independente e não estavam dispostos a aceitar regulamentos eclesiásticos. A preservação da germanidade foi um resultado da própria situação dos imigrantes, mas não foi uma decisão consciente ou política.<sup>55</sup> Nos casos onde não houve contato com brasileiros, principalmente nas colônias no interior do Estado, a língua e os costumes alemães foram conservados. Nas cidades, a aculturação ao ambiente brasileiro deu-se mais rapidamente. O discurso não reconhece o seu insucesso na realidade e não põe em dúvida o procedimento próprio, mas estabelece as suas idéias como verdade universal. Os comportamentos dos colonos alemães que não correspondiam à realidade discursiva, ou seja, às “virtudes alemãs”, são incorporados de forma negativa pelo discurso e são usados como argu-

<sup>41</sup> “Faulheit” MCpDS 3 (1869). p. 6.

<sup>42</sup> “Unreinlichkeit”, DA 34,7 (1896). p. 50.

<sup>43</sup> “Falschheit”, 33,3 (1895). p. 219.

<sup>44</sup> “Unsittlichkeit”, MCpDS 3 (1869). p. 6.

<sup>45</sup> “Degenerierung”, DA 25,7 (1887). p. 56.

<sup>46</sup> “religiöser Indifferentismus”, DA 32,9 (1894). p. 71.

<sup>47</sup> “Am Äußern der Häuser erkennt man auf den ersten Blick, ob sie von Brasilianern oder Deutschen bewohnt werden. Während die ersteren in der Regel schmutzig und zerfallen aussehen, zeichnen sich die letzteren durch Schmuckheit und Sauberkeit aus.” DA 24,4 (1886). p. 26.

<sup>48</sup> DA 22,11 (1884). p. 87.

<sup>49</sup> “Der Ansiedler im Westen 8,7 (1870). coluna 106.

<sup>50</sup> “wilde Indianer”, MCpDS 7 (1878). p. 6.

<sup>51</sup> “bezeichnet keinen Stamm, sondern einen Zustand der Wildheit”, AVÉ-LALLEMENT, op. cit., p. 144-145.

<sup>52</sup> “zahmer Indianer”, HOPPE, Ludwig. *Culturträger im brasilischen Urwald. Skizzen von Pastor L. Hoppe in Steele a. d. R. weil. Reiseprediger der riograndenser Synode.* Duisburg, Dietrich e Hermann. 1904. p. 4.

<sup>53</sup> “besonders drei Feinde sind zu nennen, welche dem deutschen Colonisten [...] seine Nationalität und seinen Glauben”, MCpDS 5 (1874). p. 42.

<sup>54</sup> “...das alles sind Gefahren und Schwierigkeiten, die das evangelische Deutschtum in Südbrasilien stark bedrohen”, DA 41,9 (1903). p. 71.

<sup>55</sup> Cf. DREHER, Martin. *Igreja e germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.* São Leopoldo, Sinodal. 2003. p. 57-58.

mentos adicionais para forçar o trabalho no Brasil. Maria Amélia Schmidt Dickie chamou esta prática discursiva de “retórica da precariedade”<sup>56</sup>. Isto pode ser exemplificado com três pontos: Primeiro, a situação dos imigrantes é caracterizada pejorativamente. O discurso usa palavras como “descuido eclesiástico”<sup>57</sup>, “indiferentismo”<sup>58</sup> e “degeneração”<sup>59</sup>. Os indicadores são pouca ênfase na ida à missa e à escola e pouca aptidão para o canto. O discurso procura a responsabilidade desta “miséria eclesiástica”<sup>60</sup> não somente nos imigrantes, mas também na Igreja alemã que descuidava dos imigrantes há tempo. O discurso vê abandono tanto na fé como no caráter dos colonos, dominado pela imoralidade em forma de hedonia, vício de beber, dançar, jogar, impudicícia<sup>61</sup>, “superficialidade”<sup>62</sup> e “materialismo”<sup>63</sup>. O materialismo no sentido de aspirar à prosperidade e propriedade já havia sido condenado por Friedrich Fabri nas suas “Cartas contra o materialismo” (“Briefe gegen den Materialismus”), como perigo para as “bases da nossa inteira existência social e moral” e foi comparado com a “destruição das bases da toda a ordem mundial religiosa e moral”.<sup>64</sup>

É bem visível a discrepância entre a imagem do alemão idealizado e do colono. Os paradigmas “indiferentismo” e “degeneração” que descrevem a situação eclesiástica dos imigrantes estão presentes também na imagem do catolicismo. Hedonia, superficialidade e materialismo são antinomias às virtudes “piedade” e “fidelidade”. Tais paradigmas vêm, junto com o indiferentismo, do campo lingüístico que é usado para o brasileiro. O discurso descreve então o imigrante como brasileiro. Em vez de reconhecer a nova realidade, ou seja, a aculturação dos imigrantes no novo país, o discurso integra a falta do cumprimento das expectativas na “matriz de perigos”. Isto é feito quando o discurso afirma um estado de degeneração, ao invés de uma imagem idealizada, justificando a necessidade de ajuda da Alemanha. Os interesses dos colonos não são considerados. Em lugar disto, os imigrantes são postos sob tutela e tratados de forma paternalista como se fossem crianças<sup>65</sup> e camponeses sem educação<sup>66</sup>, os quais deveriam ser catequizados. Trata-se do discurso missionário que neste caso não aplica “vontade de expansão dos ideais e obrigação de tutela”<sup>67</sup> a “pagãos”, mas aos imigrantes alemães que são culpados pela “ignorância, superstição e imoralidade”<sup>68</sup>.

O discurso incorpora os conflitos e a resistência contra o trabalho eclesiástico no estrangeiro sob a forma de duas ramificações: primeiro ele critica o “independentismo das comunidades”<sup>69</sup> que era motivado por “êxtase de liberdade”<sup>70</sup> e “desconfiança”<sup>71</sup> e que dificultava uma organização entre as comunidades. Em segundo lugar, descreve pejorativamente os ditos “pseudopastores” que foram eleitos pelas comunidades e “que desempenham, sem mais nem menos, quer dizer, sem vergonha, o sacerdócio sem profissão nem ordenação, sem preparação teológica e, nos demais casos, também sem os mais necessários conhecimentos e estudos”.<sup>72</sup> Estes pastores são uma ramificação essencial da “matriz de perigos” e eram os concorrentes diretos dos pastores enviados da Alemanha, porque já ocupavam os cargos a que os pastores ordenados aspiravam. Muitas vezes o pastor não-ordenado negava-se a deixar o seu cargo pago. Frequentemente uma parte da comunidade suportava o pastor eleito, um fato que leva a fragmentações de comunidades e à existência de dois pastores inimigos na mesma comunidade. A ramificação discursiva “pastor não-ordenado” é caracterizada pelas palavras “pseudopastores”<sup>73</sup>, “existências fracassadas”<sup>74</sup> e “pastores de cachaça”<sup>75</sup> e assim marcada por uma paradigmática muito pejorativa. A palavra “pseudopastor” torna-se um símbolo: mesmo sem mencionar o campo lingüístico acima citado, o leitor nota a conotação negativa. A palavra “pastor de cachaça” é a melhor prova da estratégia difamatória desta ramificação discursiva. Uma estatística do pastor ordenado Stysinski desmascara, sem querer, o mito do “pseudopastor”: Apesar de Stysinski descrever os pastores não-ordenados como “uns dos mais perigosos” inimigos da Igreja e como “úlceras purulentas”, ele apenas declara três de trinta exemplos como inadequados e oito como “bebedores ou bebedores de ocasião”, não fazendo reparos aos outros vinte.<sup>76</sup> Ainda que se queira aceitar esta lógica e a

<sup>56</sup> SCHMIDT DICKIE, Maria Amélia. *Afetos e circunstâncias. Um estudo sobre os Mucker e seu tempo*. São Paulo, USP, 1996. p. 260.

<sup>57</sup> “kirchliche Vernachlässigung”, DA 21,6 (1883). p. 41.

<sup>58</sup> “Indifferentismus”, MCpDS 6 (1876). p. 45.

<sup>59</sup> “Verwilderung”, DA 25,11 (1887). p. 85.

<sup>60</sup> “kirchliche Notlage”, DA 24,7 (1886). p. 50.

<sup>61</sup> DA 22,4 (1884). p. 30.

<sup>62</sup> “Oberflächlichkeit”, DA 37,6 (1899). p. 47.

<sup>63</sup> “Materialismus”, MCpDS 3 (1869). p. 15.

<sup>64</sup> “Grundlagen unseres gesamten socialsittlichen Bestandes”, „Zerstörung der Grundlagen der gesamten religiösen und sittlichen Weltordnung”, FABRI, Friedrich. *Briefe gegen den Materialismus*. Gotha, Schloßmann. 1864. p.2.

<sup>65</sup> DA 32,7 (1894). p. 51.

<sup>66</sup> DA 32,7 (1894). p. 51.

<sup>67</sup> “Sendungsglaube und Vormundschafspflicht”, OSTERHAMMEL, op. cit., p. 115.

<sup>68</sup> “Ignoranz, Aberglaube und Immoralität”, GRÜNDER, Horst. *Christliche Mission und deutscher Imperialismus. Eine politische Geschichte ihrer Beziehungen während der deutschen Kolonialzeit (1884-1914) unter besonderer Berücksichtigung Afrikas und Chinas*. Paderborn, Schöningh. 1982. p. 337.

<sup>69</sup> “Gemeinde-Independentismus”, DA 24,5 (1886). p. 36.

<sup>70</sup> “Freiheitsrausch”, DA 33,4 (1895). p. 26.

<sup>71</sup> “Misstrauen”, MCpDS 7 (1878). p. 12.

<sup>72</sup> “welche ohne Beruf noch Ordination, ohne theologische Vorbereitung und in den allermeisten Fällen auch ohne die notwendigsten Kenntnisse und Studien schlecht und recht d.h. ungeniert das Pfarramt ausüben.” DA 42,6 (1904). p. 43.

<sup>73</sup> “Pseudopfarrrer”, DA 41,9 (1903). p. 68.

<sup>74</sup> “gescheiterte Existenzen”, DA 39,11 (1901). p. 86.

<sup>75</sup> “Schnapsfarrer”, MCpDS 6 (1876). p. 44.

avaliação dos pastores não-ordenados como inadequados, salta à vista a parcialidade pejorativa deste campo lingüístico.

O Brasil é a segunda ramificação principal da “matriz de perigos”. Nesta são mencionados a política imigratória do Estado Brasileiro, o dito “nativismo” e a suposta influência negativa do ambiente brasileiro e da sociedade brasileira sobre os colonos alemães. Durante do Império Brasileiro (1822-1889), os protestantes não eram cidadãos com os mesmos direitos dos católicos. O discurso não toma posição clara sobre isto e altera-se constantemente. A maioria dos textos interpreta a desigualdade jurídica durante do Império como perigo para os protestantes alemães. A ameaça principal eram os casamentos mistos entre protestantes e católicos, dado que só podiam ser realizados por sacerdotes católicos e os filhos destes casamentos tinham obrigatoriamente que ser católicos.<sup>77</sup> Além disso, os textos fazem menção da proibição de campanários para igrejas evangélicas, da indolência do governo em relação aos interesses dos colonos e do despotismo e da corrupção do Estado. Por isso exigem liberdade de culto e os mesmos direitos cívicos para os protestantes.<sup>78</sup> Outros autores louvam por seu lado a tolerância do governo: havia independência e liberdade para os protestantes. Leis prejudiciais não eram executadas rigorosamente.<sup>79</sup> A avaliação discursiva ambivalente da política imperial está ligada à disposição monárquica da maioria dos protestantes – a crítica distinta do “*imperador nobre e muito educado Dom Pedro II*”<sup>80</sup> não foi oportuna – por outro lado expressa-se aqui o conflito intencional entre a mobilização de recursos alemães e a publicidade em favor do país imigratório, o Brasil.

A proclamação da República em 1889, que trouxe consigo a liberdade de culto, teve como conseqüência um eco positivo, embora de curta duração, para os protestantes.<sup>81</sup> A partir de 1892, a política do governo torna-se de novo numa ramificação da “matriz de perigos”. A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895 é condenada como “*guerra de guerrilha da mais miserável e pior espécie*”<sup>82</sup>, o Estado é descrito como despótico e corrupto.<sup>83</sup> Além disso o discurso critica o positivismo<sup>84</sup> e o “nativismo” do governo. “Nativismo” tem dois significados no presente discurso. A palavra exprime o esforço do Estado, principalmente desde 1889 e parcialmente já durante do Império, de aculturar os colonos alemães “forçosamente” por meio de acabar com o isolamento dos colonos alemães através de um afluxo imigratório não-alemão, de negar os interesses dos colonos e de substituir instituições alemãs por lusófonas.<sup>85</sup> “*O governo brasileiro tenta, especialmente com a abertura de escolas primárias gratuitas, desprestigiar as escolas comunitárias alemãs para corromper a língua e o costume alemão.*”<sup>86</sup> Aqui o discurso é ambivalente porque critica ao mesmo tempo o desinteresse do Estado. O segundo significado do “nativismo” é a suposta atitude hostil dos brasileiros e do governo em relação à germanidade. Ambos “nativismos” são colocados discursivamente em oposição à preservação deste ideal. O discurso difama o “nativismo” como inveja e medo do estrangeirismo.<sup>87</sup> Tudo isto levava a uma “*caça aos alemães*”<sup>88</sup>. Esta renúncia clara aos esforços integratórios do Estado Brasileiro demonstra de novo que o discurso deu mais ênfase aos interesses eclesiásticos do que aos interesses dos imigrantes, para os quais a aculturação teria sido menos marcada por conflitos e mais construtiva do que a preservação absoluta da germanidade. O dito “perigo alemão” é classificado pelo discurso como propaganda e polêmica nativista<sup>89</sup>: é usado como censura por parte de potências estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos, que acusavam os alemães de planejar uma expansão territorial no sul do Brasil.

A segunda subramificação associada ao ambiente brasileiro é a própria aculturação, ou seja, a integração cultural e lingüística dos imigrantes na nova pátria. O discurso não fala de integração, adaptação ou aculturação, senão de uma maneira pejorativa de “*alemães abasileirados, logo: degenerados*”<sup>90</sup>. “Abasileiramento” é o processo oposto à preservação da germanidade, resultado da influência do outro inferior. Os perigos de “abasileiramento” são relacionados com os paradigmas negativos do brasileiro e do catolicismo: perda da língua alemã, aprendizagem do português<sup>91</sup>, degeneração moral e intelectual<sup>92</sup>, “fermen-

<sup>76</sup> “*eine der gefährlichsten*”, “*eiterndes Geschwür*”, “*Trinker oder Gelegenheitstrinker*”, DA 42,6 (1904). p. 44-45.

<sup>77</sup> MCpDS 1 (1865). p. 4.

<sup>78</sup> DA 23,4 (1885). p. 26.

<sup>79</sup> MCpDS 1 (1865). p. 1.

<sup>80</sup> “*edlen und hoch gebildeten Kaisers Dom Pedro II.*”, DA 29,1 (1891). p. 2.

<sup>81</sup> DA 28,1 (1890). p. 4.

<sup>82</sup> “*Guerillakrieg erbärmlichster und doch schlimmster Sorte*”, DA 33,4 (1895). p. 26.

<sup>83</sup> DA 33,4 (1895). p. 26.

<sup>84</sup> DA 44,7 (1906). p. 51.

<sup>85</sup> DA 44,12 (1906). p. 93-94.

<sup>86</sup> “*Besonders sucht die brasilianische Regierung durch Errichtung von kostenlosen Volksschulen unsern deutschen Gemeindeschulen das Wasser abzugraben, um deutsche Sprache und Sitte zu untergraben.*” *Bericht der Evangelischen Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika*. Barmen, Wiemann. 1904. p. 4.

<sup>87</sup> MCpDS 3 (1869). p. 3.

<sup>88</sup> “*Deutschenhetze*”, DA 42,12 (1904). p. 92.

<sup>89</sup> DA 35,2 (1897). p. 15.

<sup>90</sup> “*verbrasilianisierte, ergo: verdorbene Deutsche*”, DA 36,5 (1898). p. 35.

<sup>91</sup> DA 20,12 (1882). p. 93.

<sup>92</sup> DA 26,2 (1888). p. 10:

tar” dos protestantes no ambiente católico<sup>93</sup> e até degeneração racial.<sup>94</sup> Aqui entra o discurso racial no discurso protestante, descrevendo a própria raça como superior e a raça brasileira como inferior:

Existem brasileiros que pensam, que podem usar o alemão forte, de cor clara, não-degenerado para regenerar o sangue brasileiro. Mas para tais experiências só se prestam alemães da mais baixa raça germânica. [...] Já chegamos então ao ponto em que até o mais insignificante colono sabe quais são as desgraças de tal cruzamento.<sup>95</sup>

O terceiro perigo principal, além da situação dos colonos e do ambiente brasileiro, é a concorrência de outros grupos religiosos. A Igreja Católica brasileira, já mencionada como imagem do outro, é um destes grupos. Ela é caracterizada como agitador hostil através de um campo lingüístico paralelo ao “nativismo” e que contém, além da palavra “fanatismo”, também propaganda, troça, astúcia, hostilidade, inveja e desconfiança.<sup>96</sup> A descrição pejorativa do “romanismo” e do “ultramontanismo”<sup>97</sup> demonstra que esta exposição confessionalmente criada tem que ser vista no contexto do conflito entre a Igreja Católica e o Estado da Prússia.

Para além da Igreja Católica, o discurso também se refere aos Jesuítas, que vinham ganhando influência no Rio Grande do Sul. Os Jesuítas haviam sido expulsos da Alemanha em 1872 em consequência do conflito entre a Igreja Católica e o Estado da Prússia e refugiaram-se no sul do Brasil. Tratavam-se em grande parte de alemães que trabalhavam junto de brasileiros e começaram a usar a língua portuguesa. O conflito entre os protestantes e os Jesuítas expressa-se num outro campo lingüístico difamatório. O comportamento jesuíta é designado como invasão<sup>98</sup>, “intriga”<sup>99</sup> e fanatismo.<sup>100</sup> Podem-se estabelecer paralelos com a imagem do “nativismo” e, tal como a Igreja Católica, os Jesuítas são vistos não só como adversários do protestantismo, mas também da germanidade: “O Jesuíta contribui a sua parte para o desintegração da germanidade.”<sup>101</sup> Especialmente a escola jesuíta era uma ameaça que competia com as escolas protestantes. Semelhante ao “pseudopastor”, a palavra “Jesuitismo” torna-se um símbolo: também ela provoca, mesmo sem explicação detalhada, associações negativas no leitor.

A partir de 1901, o Sínodo Missouri substituiu passo a passo o Jesuitismo como adversário religioso mais importante no discurso. O Sínodo Missouri, vindo dos Estados Unidos, é declarado uma ameaça para o protestantismo e a germanidade: “O avanço continuado dele ameaçaria não só a relação entre os alemães evangélicos no sul do Brasil e a Igreja da pátria, mas também ameaçaria a germanidade em geral.”<sup>102</sup> O Sínodo Missouri luterano, uma criação eclesiástica alemã nos Estados Unidos, estabelece-se a partir de 1900 no Rio Grande do Sul e representa assim a ramificação discursiva mais recente e ao mesmo tempo muito forte. A paradigmática desta ramificação é idêntica à da ramificação “Jesuítas”. Ela consiste nas palavras “invasão”<sup>103</sup>, “propaganda”<sup>104</sup> e “fanatismo”.<sup>105</sup>

Comparando o discurso da SEAPA com o relato de Martin Braunschweig, é notória a quase ausência de alterações dentro do discurso. O relato contém os aspetos essenciais do consenso: “Mas a Igreja Evangélica tem que defender a germanidade diretamente, porque a germanidade é a base da sua existência.”<sup>106</sup> Era uma “obrigação religiosa, preservar a bênção do Evangelho na língua materna para os correligionários e compatriotas no Brasil, se fosse possível.”<sup>107</sup> Braunschweig vê o “futuro dos camponeses alemães”<sup>108</sup> no sul do Brasil e também usa imagens negativas do outro: “O luso-brasileiro é preguiçoso, o camponês alemão é industrioso. Os luso-brasileiros são, na maior parte, fisicamente degenerados; está grassando a sífilis entre eles numa dimensão extraordinária.”<sup>109</sup> Fala igualmente da “degeneração eclesiástica e nacional”<sup>110</sup> dos colonos e prossegue a estratégia interditória em relação aos imigrantes alemães, quando critica a “imaturidade” das comunidades.<sup>111</sup> O “pseudopastor” permanece uma ramificação importante da “matriz de perigos”. O leitor encontra referências a “existências fracassadas”<sup>112</sup> e, por exemplo, ao “pseudopastor gravemente alcoólico von Grafen, um aspirante prussiano

<sup>93</sup> MCpDS 1 (1865). p. 6.

<sup>94</sup> DA 35,3 (1897). p. 20.

<sup>95</sup> “Es giebt ja unter den Brasilianern eine Richtung, welche da glaubt, den kräftigen, hellfarbigen, nicht degenerierten Deutschen zur Regeneration des brasilianischen Blutes benutzen zu können. Zu solchen Experimenten aber giebt sich nur die allerletzte Qualität germanischen Abschaums her. [...] Soweit sind wir denn doch schon, daß selbst der geringste Kolonist weiß, welche Uebel aus einer solchen Vermischung erfolgen.” DA 37,2 (1899). p. 13.

<sup>96</sup> MCpDS 2 (1866). p. 3-5.

<sup>97</sup> MCpDS 4 (1871). p. 7.

<sup>98</sup> DA 25,9 (1887). p. 71.

<sup>99</sup> “Intrige”, MCpDS 4 (1871). p. 9.

<sup>100</sup> MCpDS 1 (1865). p. 5.

<sup>101</sup> “Zur Auflösung des Deutschtums thut auch der Jesuit das Seinige.” DA 29,12 (1891). p. 94.

<sup>102</sup> “So würde ihr weiteres Vordringen nicht nur den Zusammenhang der evangelischen Deutschen in Südbrasilien mit der heimischen Kirche, sondern auch das dortige deutsche Volkstum überhaupt gefährden.” DA 41,12 (1903). p. 93.

<sup>103</sup> DA 41,1 (1903). p. 7.

<sup>104</sup> “Propaganda”, DA 41,9 (1903). p. 71.

<sup>105</sup> DA 42,10 (1904). p. 75.

<sup>106</sup> “Die evangelische Kirche aber muss für das Deutschtum direkt eintreten, denn das Deutschtum ist die Grundlage ihrer Existenz.” BRAUNSCHWEIG II,2,1. p. 75.

<sup>107</sup> “religiöse Pflicht, den Glaubensgenossen und Landsleuten in Brasilien den Segen des Evangeliums in der Muttersprache möglichst zu erhalten”, BRAUNSCHWEIG I. p. 92.

<sup>108</sup> “Zukunft des deutschen Bauertums”, BRAUNSCHWEIG II,2,2. p. 78.

<sup>109</sup> “Der Lusobrasilianer ist faul, der deutsche Bauer ist fleissig. Die Lusobrasilianer sind grösstenteils physisch degeneriert; unter ihnen grassiert die Lues in einer ungewöhnlichen Ausdehnung.” BRAUNSCHWEIG II,2,1. p. 6.

<sup>110</sup> “kirchliche und nationale Verwilderung”, BRAUNSCHWEIG II,1. p. 55.

<sup>111</sup> “Unreife”, Evangelisches Zentralarchiv Berlin: 200/1/2152: BRAUNSCHWEIG, Martin. Die brasilianische Diaspora und der Gustav Adolf-Verein. Referat für die Plenar-Sitzung des Centralvorstandes am 4. April 1908 in Leipzig. p. 19.

<sup>112</sup> “gescheiterte Existenzen”, BRAUNSCHWEIG II,2,1. p. 9.

desertor”<sup>113</sup>. Braunschweig temeu também o “abrasileiramento da germanidade”<sup>114</sup>, seja a perda da língua ou a degeneração moral, e condenou o “nativismo infantil e fanático”<sup>115</sup>. O Jesuitismo não tem um papel importante no relatório de Braunschweig. Mas o delegado continua a designar<sup>116</sup> o Sínodo Missouri como parte das ameaças – cerca de vinte vezes tematiza os Missouri – e introduz a idéia de um “perigo norte-americano”<sup>117</sup>, análogo ao “perigo alemão”: “Ele [o Sínodo Missouri] é um inimigo fatal da organização eclesiástica evangélica; o seu trabalho representa um perigo para a existência da germanidade evangélica, não há outro maior.”<sup>118</sup>

O sistema de língua e pensamento que foi analisado reflete o ponto de vista de um grupo distinto. A perspectiva de um grupo não é necessariamente idêntica à situação real, mas revela a forma de representação lingüística de um assunto. Como tal, o periódico *Der deutsche Ansiedler* não pode ser tomado como valor absoluto para a reconstrução de realidade sem sentido crítico. Fato é que o discurso produz realidade ao fomentar o trabalho eclesiástico protestante alemão, travando assim a aculturação dos imigrantes alemães no novo ambiente. O objeto central do discurso, ou seja o imigrante alemão, nem sequer chega a falar, e os seus interesses não são considerados. Pelo contrário, o colono é posto sob tutela e é subjugado aos interesses representados pelo discurso. Os imigrantes não aceitaram as práticas que o discurso trouxe consigo. Resistência, conflitos e fracasso na realidade são assuntos centrais que podem ser deduzidos do discurso. O historiador Philipp Sarasin anota que “a história dos discursos [...] antes de tudo [é] interessante no ponto, onde eles fracassam na realidade.”<sup>119</sup>

Artigo recebido em 18.07.2008 e aprovado em 12.12.2008.

<sup>113</sup> “schwer trunkfällige Pseudopfarren von Grafen, ein desertierter preussischer Fähnrich”, BRAUNSCHWEIG II,2,2. p. 31.

<sup>114</sup> “Verbrasilianisierung des Deutschtums”, BRAUNSCHWEIG II,2,2. p. 2.

<sup>115</sup> “kindlich-fanatichen Nativismus”, BRAUNSCHWEIG II,2,1. p. 60.

<sup>116</sup> Hans-Jürgen Prien erra, quando acha que o Sínodo Missouri é visto como ameaça apenas depois do relatório do Martin Braunschweig. PRIEN, op.cit., p. 466.

<sup>117</sup> “Nordamerikanische Gefahr”, BRAUNSCHWEIG II,2,1. p. 65.

<sup>118</sup> “Sie ist eine Totfeindin der evangelisch-kirchlichen Organisation; ihre Arbeit bedeutet für den Bestand des evangelischen Deutschtums eine Gefahr, der an Grösse nichts anderes gleichkommt.” BRAUNSCHWEIG II,2,1. p. 67.

<sup>119</sup> “Geschichte von Diskursen [...] erst dort wirklich interessant, wo diese am Realen scheitern.” SARASIN, Philipp. *Geschichtswissenschaft und Diskursanalyse*. In: SARASIN, Philipp. *Geschichtswissenschaft und Diskursanalyse*. Frankfurt no Meno, Suhrkamp. 2003. p. 60.